

Casa de debate e polidez, Senado é considerado melhor do que o céu

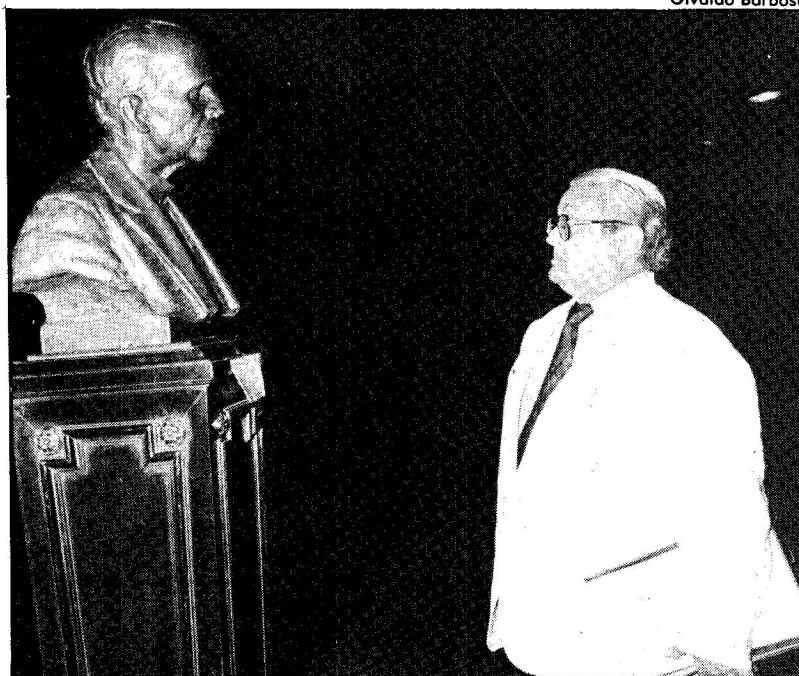
LUÍZA DAMÉ

“Melhor que o Senado, só o céu”, costumava dizer o ex-presidente Tancredo Neves. “O Senado é melhor porque não é preciso morrer para chegar lá”, completa seu vice, o senador José Sarney. A comparação pode parecer absurda. Mas não entre políticos, que consideram um prêmio concorrer a uma cadeira no Senado. E dificilmente marinheiro de primeira viagem faz sua estréia naquela Casa — basicamente formada por ex-prefeitos de grandes cidades e capitais, ex-ministros, ex-governadores e ex-presidentes. Hoje, os senadores somam mais de cinco mil anos de vida e quase 20 séculos de experiência pública.

Muito mais do que a instância revisora das decisões da Câmara dos Deputados, o Senado é um restrito clube que possibilita cenas tidas como impossíveis: adversários ferrenhos — como Garibaldi Alves Filho e Lavoisier Maia — dividindo a mesma mesa de chá ou rasgando elogios num aparte durante as sessões. Os debates no Senado costumam ser o oposto da Câmara — onde os deputados disputam os microfones e gritam para chamar a atenção. “Aqui nós ficamos como peixe fora d’água”, reconhece o senador Garibaldi Alves Filho, isolado no fundo do plenário da Câmara, durante a revisão constitucional.

Amazônia — Na semana passada, por exemplo, enquanto a Câmara fervilhava por causa das denúncias de envolvimento de deputados com o jogo do bicho, os senadores esmiuçavam as belezas da Amazônia.

“A verdade que a Amazônia me ensinou é limpa como o látex”, afirmava emocionado o senador Amir Lando, declarando-se um amazonense de coração e discorrendo sobre a pureza dos seus rios. “Vou me embrenhar um pouco na selva e contar a história daquele po-



Givaldo Barbosa

Aureo Mello: histórias sobrenaturais e visão de Rui Barbosa

vo”, disse o senador Aureo Mello, que resolveu mudar o tema do seu discurso, entusiasmado pelas palavras de Lando. Os dois falavam sob a presidência do senador Chagas Rodrigues que, com uma paciência de Jó, fica horas a fio ouvindo os intermináveis discursos.

E as explicações para tamanha diferença de comportamento são as mais simples possíveis. “Os senadores são mais velhos, mais maduros”, pondera o senador Aureo Mello, 69 anos, deputado constituinte em 47. “O senador tem uma visão mais abrangente. É como se ele estivesse sentado no alto de uma montanha”, argumenta o senador José Fogaça, ao acrescentar que o Senado é o caminho natural dos ex-governadores e futuros governadores. “A maioria já passou por cargos executivos e não tem mais a ânsia de afirmação dos deputados”, justifica Garibaldi.

Camomila — Segundo Garibaldi, quando os ânimos estão mais exaltados é só tomar um “chazinho de camomila” na sala de cafezinho no

fundo do plenário. “Lá é mais tranquilo. Não é essa confusão de gente que tem aqui”, destaca o senador, comparando o cafezinho do Senado com o da Câmara — normalmente pequeno para o número de deputados e jornalistas que circulam pelo local.

“A estabilidade faz com que os senadores tenham atitudes menos eleitoreiras e menos imediatistas”, concorda Fogaça. O ambiente menor e com menos parlamentares é outro fator que transforma o Senado num local mais harmônico e de maior cumplicidade. “Todos se conhecem na intimidade e isso refreia o orador”, analisa Passarinho. Sem saber se o Senado é realmente melhor que o céu, o senador Eduardo Suplicy garante que naquela Casa é possível fazer muita coisa pelo País e lembra que as relações nem sempre foram tão cordiais no Senado. “Quando alguém explode é para valer”, afirma Suplicy, citando o caso do ex-senador Arnon de Mello, que matou com um tiro o ex-senador Silvestre Pércles.